

SALA MULTISSERIADA: desafios e realidade no município de Selvíria/MS¹

MULTI-AGE CLASSROOM: challenges and reality of the municipality of Selvíria/MS

Verônica dos Passos Fachini²

André Ricardo dos Santos Bersani³

RESUMO: Este texto é um relato sobre a educação e as escolas do campo a partir da experiência de uma sala multisseriada. Conforme Arroyo (1999), **multi**: vários, **seriado**: séries; logo pode ser caracterizada por um conjunto de séries dentro de uma mesma sala de aula. Durante anos, a educação nas escolas do campo manteve sua estrutura didático-pedagógica inabalada. A partir da década de 70, a luta por uma educação do campo diferenciada passou a fazer parte das políticas públicas direcionadas aos sujeitos de nele e dele vivem. A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) é clara na garantia dos direitos dessa minoria ao afirmar que “[...] na oferta de educação Básica para a população os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, as peculiaridades de vida no campo, e, de cada região” (art.28). O desafio que o docente enfrenta em localidades isoladas, acumulando diversas funções: ensinar, limpar, supervisionar, dirigir, coordenar, etc., por vezes não são reconhecidas. É necessário ressaltar a importância de políticas públicas e programas que apontem possibilidades eficientes para que possam atender as reais necessidades educacionais dos camponeses. O objetivo que buscamos é demonstrar que mesmo em uma sala multisseriada, o ensino ofertado pode ser de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do campo; Sala multisseriada, Ensino-aprendizagem; Dignidade, Campesinato.

ABSTRACT: This text is a report about education and rural schools from the experience of a multi-age classroom. According to Arroyo (1999), a multi-age classroom can be characterized by a group of different grade levels inside the same room. For years, education in rural schools maintained its didactic-pedagogical structure unshaken. From the 70's on, the struggle for a differentiated rural education became part of the public policies directed to the

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho Final de Conclusão de Curso da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo.

² Especialista em Educação do Campo pela UFMS/CPTL. Correio eletrônico: veronicafachini@hotmail.com.

³ Professor orientador do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação do Campo UFMS/CPTL. Correio eletrônico: andre.bersani@gmail.com.

subjects who live in and from it. The Law of Guidelines and Bases of National Education (9394/96) is clear in guaranteeing the rights of this minority by stating that "[...] in the provision of basic education for the population, education systems will promote the adaptations necessary for their adequacy, the peculiarities of life in the countryside, and of each region" (art. 28). The challenge that the teacher faces in isolated locations, accumulating several functions: teaching, cleaning, supervising, directing, coordinating, etc., are sometimes not recognized. It is necessary to emphasize the importance of public policies and programs that point out efficient possibilities so that they can meet the real educational needs of the peasants. The objective we seek is to demonstrate that even in a multi-age room, the teaching offered can be of good quality.

KEYWORDS: Rural education; Multi-age classroom; Teaching-learning; Dignity; Peasantry.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência descreve um pouco da realidade vivida no campo, mais especificamente em uma sala de aula multisseriada no município de Selvíria, em Mato Grosso do Sul, onde existe extensa área rural com expressiva parte da população residente no campo⁴, possibilitando a existência da Sala Canaã.

A palavra Educação no novo dicionário Aurélio digital tem como significado: substantivo feminino, do latim Educatione, que significa [...] processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social, processo, preparo [...].

Educação abrange a boa formação de toda a sociedade, seja ela da cidade ou do campo. Precisamos conhecer melhor o outro e reconhecer que campo e cidade fazem parte de um todo e não podem ser vistos e tratados separadamente. É o campo que abastece a cidade e esta, por sua vez, recebe os lucros e se expande deixando, por vezes, o campo e seu povo a beira do caminho.

O objetivo que buscamos alcançar com este relato é retratar o processo ensino-aprendizagem desenvolvido em uma sala multisseriada. A prática docente para a educação no/do campo também é relatada aqui a partir da experiência de uma professora que começou lecionar como leiga em uma sala multisseriada no/do campo.

⁴ Mais de 30% da população segundo o censo demográfico de 2010.

Para a educação no/do campo, esperamos contribuir a partir desse relato de experiência mostrando um pouco da realidade camponesa do município de Selvíria e, como um ato social, buscar informações que ajudem a transformar a educação para o campo.

A pesquisa qualitativa foi o método que encontramos para melhor explicitar a realidade, pois o ambiente escolar foi a principal fonte para a coleta de dados. Dados estes que tentemos coletar de maneira “natural”, sem causar inquietações nas pessoas que foram selecionadas para a pesquisa, sendo utilizados alguns critérios para a seleção dos educadores, tais como: tempo que leciona na escola e a relação com a comunidade onde a escola está inserida. Aos pais foram questionadas a localização da escola e as condições das estradas. Aos alunos a opinião sobre o aprendizado em sala. Não utilizamos um questionário com perguntas já elaboradas, mas sugerimos a elaboração de um texto, um artigo de opinião, apontando os desafios de se viver e estudar no campo.

Acrescentamos ao trabalho algumas informações que avaliamos como relevantes, tendo como fontes das mesmas: Almeida (2013), Caldart (2000) e Laplantine (1998), melhorando o entendimento do leitor para as dificuldades que enfrentamos ao longo dos anos letivos de uma jornada docente em uma sala multisseriada no campo.

SALA MULTISSERIADA: DESAFIOS E REALIDADE DO MUNICÍPIO DE SELVÍRIA/MS

No despertar desse milênio, a educação camponesa aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos, que respeite as diversidades regionais, culturais e políticas do país. No campo, o educador não pode se esquecer de trabalhar de forma inclusiva e sem discriminação, principalmente nas salas multisseriadas. Tornam-se importante a pesquisa e os estudos dessa forma de organização escolar que tem gerado grande debate.

O desafio para as escolas do campo é “formar para recuperar” as condições de uma vida digna dos povos do campo. Para essa educação contemplar o campo, é necessário colocar em questão algumas ideias e conceitos há muito estabelecidos e desenvolver novos conceitos que possam reverter às desigualdades educacionais existentes entre campo e cidade.

No campo, os povos camponeses necessitam de boas escolas para seus filhos, bons educadores e uma educação que não os prepare apenas para a vida nos canteiros de obras das cidades, mas que os ajudem a compreender o contexto em que estão inseridos, reconhecendo as distintas formas de existência e de relações sociais com a natureza, pensando o mundo a partir do lugar onde vivem, ou seja, da terra em que moram, partindo da sua realidade.

Passador (2006) enfatiza que para os camponeses a escola tem sido vazia de significados. Uma vez que o aprendizado da profissão tinha sido adquirido com os pais e não pela escola, então era compreendida como lugar para instruir o homem apenas para ler, escrever e contar, sendo então a escola pensada apenas para atender os interesses da cidade. Em busca de novas estratégias educativas para o campo, capazes de desenvolver integralmente o ser humano, é preciso considerar o que cada povo do campo tem para contribuir seja eles ribeirinhos, agricultores tradicionais, indígenas ou assentados. Mesmo pensando as distinções, estes povos, em suas trajetórias, trazem semelhanças entre si devido a conflitos de ordem econômica, cultural, social e ambiental.

A partir de estudos e pesquisas, vivenciando a realidade camponesa, notamos o quanto é necessária a contribuição dos povos camponeses para que suas comunidades e escolas mantenham-se vivas, sem que seus jovens e famílias precisem ir para a cidade em busca de melhores escolas ou condições de vida. O desafio é grande. As dificuldades também. Mas vale lutar pela permanência das famílias no campo. Por vezes, o espaço físico onde acontecem as aulas são impróprios. As condições geográficas e a qualidade do ensino deixam a desejar e sofrem com o descaso de governantes e da própria comunidade. É a partir desta realidade, vivenciada nas escolas do campo em Mato Grosso do Sul, que apoiamos o relato sobre a realidade da sala multisseriada Canaã, no município de Selvíria/MS.

Moro⁵ no campo, no município de Selvíria, há dezoito anos. No ano de 2004 me convidaram para ser professora na Sala Canaã, que recebe este nome por se localizar na Fazenda Canaã, existente há mais de trinta e cinco anos. Eu não tinha nenhuma formação pedagógica, mas por gostar muito de crianças e pôr a lei permitir que no campo pudesse lecionar como professora leiga, ao saber que a escola fecharia por falta de professor aceitei o desafio. E que desafio!

O primeiro dia de aula ficou marcado em minha vida. Ao chegar à escola e entrar na sala de aula, ver vinte e uma crianças olhando para mim e esperando que eu expressasse qualquer reação, pensei: “o que estou fazendo aqui”? Contudo, após o susto, comecei a entender que para ser professor primeiro é preciso aprender a aprender para poder transmitir com segurança aquilo que já domina. Permaneci como professora leiga por cinco anos e neste período passei por algumas turbulências como, por exemplo, as reclamações por parte de pais de alguns alunos que não me aceitavam como professora pois não possuía formação pedagógica e experiência. Tentaram então fazer um abaixo assinado, colhendo assinaturas para que eu não continuasse como professora da sala. Mas nem todos os pais concordaram, estavam acompanhando o desempenho escolar de seus filhos e me deram a oportunidade de continuar. Nesta época, uma aluna do 1º ano chegou a me questionar se eu era professora formada porque sua mãe disse que eu era apenas “professora de doce”. Percebi então que precisava melhorar a minha prática como educadora para ofertar um ensino com qualidade. Decidi então entrar para a faculdade de Pedagogia.

A Sala Canaã atende alunos moradores da própria fazenda, alunos de fazendas do entorno que percorrem 35 km para chegar à sala e alunos do assentamento Canoas, 20 km de distância da Canaã. A Sala Canaã é uma extensão da Escola Municipal Rural São Joaquim Polo e oferta de 1º a 5º anos do ensino fundamental e existe a mais tempo que a escola polo que antes e recebia o nome de Nova Esperança Polo.

As figuras a seguir mostram um pouco da realidade da sala Canaã.

⁵ A partir daqui, para tratar das experiências que compõem o relato, o texto será escrito na primeira pessoa do singular.

Figura 1: dia a dia na sala canaã.



Fonte: Autora, 2015.

Figura 2: leitura deleite é o início das aulas.



Fonte: Autora, 2015.

Figura 3: visita e entrevista do canal futura na sala Canaã



Figura 4: momento de conselho de classe feito pela coordenadora pedagógica.



Fonte: Autora, 2015.

A Figura 3 retrata um acontecimento gratificante para o meu trabalho como professora de multisseriado. Em um concurso patrocinado pelo Instituto Votorantim, os alunos de 4º e 5º ano deveriam homenagear, em forma de carta, uma pessoa que os incentivasse a estudar, uma pessoa que eles tinham como referência. Deste concurso Redações “Tempos de Escola” participam alunos de muitos municípios do Brasil e uma aluna do 4º ano da Sala Canaã foi a vencedora a nível nacional, dedicando sua redação a sua mãe que não teve condições para frequentar a escola, não sabe ler e escrever, mas apesar disso não descuida dos estudos de sua filha, sempre participando da vida escolar dela. Um dos trechos emocionantes da carta é quando diz para a mãe “é mãe você consegue me fazer sentir especial ao me incentivar nos meus estudos”. Foi um bom momento para a Sala Canaã, porque serviu como um grande incentivo para todos os pais, alunos e a comunidade local que teve a certeza de que estudar em uma escola do/no campo não impede a concretização do processo ensino-aprendizagem. Este foi um reconhecimento ímpar para a multisseriada.

A REALIDADE E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SELVIRÍA

O município possui três escolas na cidade que são de ensino regular, duas municipais, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nelson Duarte e a Escola Municipal de Educação Infantil Ensino Fundamental Joaquim Camargo, uma estadual, a Escola Estadual Ana Maria de Souza. No campo localizam-se a Escola Municipal Rural São Joaquim Polo e Extensões, além de uma sala multisseriada, a Sala Canaã.

Com a desapropriação de algumas fazendas para a formação de assentamentos e, também, devido à quantidade de famílias que moravam⁶ no interior de outras fazendas, pois era necessário mão de obra para trabalhar na pecuária, para atender alunos que moram longe da cidade e demoravam horas dentro do transporte escolar ou paravam de estudar, a Secretaria de Educação junto a prefeitura, a partir da demanda, viram a necessidade de uma escola que atendesse toda essa clientela, então surgiu a Escola Municipal Rural São Joaquim, ofertando ensino regular para os camponeses.

A Escola Municipal Rural São Joaquim Pólo fica no interior do Assentamento São Joaquim e oferta Pré-Escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Existiam mais seis salas multisseriadas espalhadas em fazendas no município, mas por falta de alunos, tendo em vista a diminuição da população do campo, pois muitas fazendas foram arrendadas ou vendidas para as fábricas de celulose, as salas foram fechadas.

Esse é um problema crescente no campo, principalmente na região. Muitas famílias sendo expulsas do campo, propriedades onde moravam cinco, dez e até mesmo vinte famílias, agora estão sendo tomadas por plantações monocromáticas de eucalipto, deixando uma paisagem assustadora. Assistimos os pés de pequi

⁶ Aqui foi utilizado o verbo morar no pretérito imperfeito devido ao fato de que hoje está ocorrendo em algumas propriedades a conversão das áreas de pastagens, destinadas a pecuária, em áreas com a monocultura do eucalipto, principalmente por meio do arrendamento para as empresas do setor de celulose.

agonizarem, sendo sufocados pelos pés de arranha-céus de eucaliptos mudando uma paisagem do cerrado, transformando-a em futuros desertos (verdes).

A localização geográfica também se transforma em desafio. O difícil acesso, estradas de ruins a péssimas, não só as municipais, mas os corredores das fazendas com porteiros e mata burros quebrados, pontes quase caindo. No período de chuvas as estradas ficam intransitáveis, muita lama, carros ficam atolados. Já na seca os carros circulam com dificuldade, ficam encravados em enormes bancos de areia.

Em meio a grandes entraves temos o desafio de uma sala multisseriada que recebe alunos do 1º ao 5º ano no mesmo espaço, de seis a doze anos em média, alguns começando seu processo de aprendizado e outros já independentes. O conflito é eminente.

Sob vários aspectos, a sala multisseriada é vista como inadequada, imprópria, e de certa forma é desvalorizada, já que o ensino torna-se múltiplo, devido as várias series que dividem o mesmo espaço.

Mas falando de modo pessoal, atualmente como professora e outrora como aluna de sala multisseriada, posso dizer que vivenciamos as dificuldades e os progressos realizados em sala.

As dificuldades são muitas já que nada está adequado às necessidades de uma sala tão diversificada. Normalmente, as salas de series únicas já trazem uma variedade cultural bastante abrangente. Calcule uma sala com várias series, várias faixas etárias, muitas etnias, cada um com sua cultura, seus costumes, seus hábitos, disputando a atenção do professor.

Ensinar em uma sala assim, não tendo material disponível, em um local onde as dificuldades vão além das citadas, os desafios se tornam maiores. Mas também existem as compensações, quando os objetivos com a sala são alcançados, nos sentimos realizadas.

Muitas crianças que saem das escolas do campo para estudar na cidade acompanham com facilidade o ensino regular, apontando para o obvio. Estudar muitos anos em uma escola de fazenda não me privou de nada. Como queria ensinar, acabei por me tornar professora, mas só depois de muitos anos é que pude

lecionar e reviver o que passei, agora como professora no campo e em sala multisseriada.

Posso afirmar que aprendemos sempre, sendo aluno ou professor. Atravessar as dificuldades se traduz em um exercício de construção do saber, um processo que requer habilidades, paciência e determinação que nos traz grandes retornos.

Laplantine (1988) no livro *A Diversidade Cultural* diz que quando ficamos presos a uma única cultura somos não apenas cegos, mas míopes.

Outro fator agravante é a distorção série/idade. Já lecionei para adolescente de 18 anos no 4º ano do ensino fundamental e hoje tenho um aluno de 15 anos no 3º ano do ensino fundamental. O que ocasiona essa realidade é a mudança constante dos pais, prejudicando o desempenho escolar de seus filhos. Já vi casos de alunos serem transferidos e matriculados quatro vezes na mesma escola, no mesmo ano.

A formação do professor (principalmente aquela que se dá por meio da práxis) que atua nas salas multisseriadas também é uma questão importante para o andamento e funcionamento da escola. O professor é uma das chaves do processo da educação do campo. Nele é depositada a esperança da aprendizagem significativa.

Como já relatado anteriormente, o começo foi um pouco constrangedor; isso não é possível mudar. Mas a busca por conhecimento para mudar o futuro dos alunos é constante. Sei que comecei pelo viés da situação. Primeiro a prática e depois a teoria, mas constatei que uma não funciona sem a outra.

ESCOLA ATIVA: UM OLHAR, UM CUIDADO A MAIS

As escolas multisseriadas eram consideradas resquícios de um período, de um processo acelerado de urbanização, refletindo os espaços do campo negligenciados por políticas públicas.

O programa Escola Ativa começa a ser discutido, no Brasil, quando um grupo de técnicos dos estados de Minas Gerais e Maranhão foram convidados pelo Banco Mundial a participarem de um curso sobre estratégias educacionais na Colômbia.

Conheceram educadores que há mais de vinte anos trabalhavam em salas multisseriadas naquele país. Em 1997 a Escola Ativa foi implantada no Brasil.

No ano de 2010 o município de Selvíria aderiu ao Programa Escola Ativa que completou, em 2007, dez anos de implementação no Brasil, atendendo mais de dez mil escolas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Esse programa objetivou auxiliar o trabalho do educador com classes multisseriadas para aumentar o nível de aprendizagem dos educandos, reduzindo a repetência e a evasão e elevando as taxas de conclusão do ensino fundamental.

Aprendemos muito com o programa ao desenvolver as metodologias que são exclusivamente direcionadas para as escolas do campo, valorizando todas as formas de organização social, características escolares do campo, garantindo acesso e permanência na escola. Dentre as metodologias estão: cadernos de ensino-aprendizagem, cantinhos de aprendizagem como espaço interdisciplinar de pesquisa, colegiado estudantil e o envolvimento da comunidade. Passamos por cursos de capacitação todos os meses. Fomos amparados com Kits Pedagógicos os quais uso até hoje, caderno de aprendizagem e visitas técnicas do Programa.

Um dos pontos altos deste programa é a valorização do campo para seus moradores, com o calendário regional, isto é, todas as atividades da região foram retratadas na escola, como as festas locais, as colheitas, embarque de gado e a época das chuvas. O caderno de monografias também ajudou os alunos a conhecerem mais sobre a realidade local, fazendo entrevistas com moradores antigos, retomando a história da escola e da formação do assentamento Canoas. O programa findou-se, mas deixou em quem participou uma sensação de pertencimento e de compromisso com o campo e com aqueles que vivem do/no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher um tema para ser estudado, discutido e avaliado ao final de nosso curso não foi tarefa fácil. Ser avaliado também não é. O tema do trabalho, Sala Multisseriada: desafios e Realidades no município de Selvíria/MS, foi escolhido a

partir das reflexões realizadas ao longo do curso em nível de graduação e de especialização em Educação do Campo, além da realidade agrária a qual pertencem.

O poder público tratou a educação do campo de forma sistêmica, como resíduo, com políticas compensatórias, programas e projetos emergenciais, negando o campo como espaço de vida e de construção de sujeitos e cidadãos, e isso ocorreu mesmo sendo o Brasil um país eminentemente agrário. Esta questão é pertinente a todo o contexto educacional e comunitário. Talvez uma sala que atende séries diferentes e alunos com idades desiguais, convivendo e estudando, transmite a impressão de que é possível ocorrer tudo, menos o aprendizado. Dessa forma, um país que avança economicamente e está entre as maiores potências do mundo, deixa grande parte de sua população à beira do caminho. Uma população que sofre preconceitos, que luta por igualdade de direitos, por justiça, por melhores salários, por uma educação de qualidade e por dignidade.

Sendo um país eminentemente agrário, onde “o tudo que se planta dá”, está “esquecido”. A população camponesa ainda sofre muito com o descaso, sentindo a necessidade de se deslocar para as áreas urbanas a procura de melhores condições de vida. Mas o sonho pode durar pouco e a realidade voltar a incomodar, porque para sobreviver nas cidades o sujeito precisa estar preparado para enfrentar o mercado de trabalho e isso na maioria das vezes é impossível. Ao se deparar com tamanhas dificuldades, regressa para o campo. Seus filhos voltam para as escolas multisseriadas que por vezes foram tão criticadas por seus pais. Essas passagens acontecem com frequência na Sala Canaã. Os maiores prejudicados são as crianças que mudam de escola e de professores algumas vezes por ano, interrompendo ciclos de aprendizagens a qualquer momento.

Para enfrentar essa realidade, o profissional precisa estar e sentir-se parte do contexto, do lugar. Não terá resultados o professor que queira trabalhar com os mesmos métodos utilizados nas escolas das cidades. É preciso o conhecimento das condições e da cultura local. Exemplos? Pedir, para os alunos, pesquisas na internet ou mesmo em jornais e revistas, sendo que os mesmos não dispõem dessas ferramentas. A lição de casa é outro fator importante. Para a realização da tarefa, o

sujeito precisa da orientação de seus pais, mas (em sua maioria) estes não sabem ler.

O aluno volta no outro dia com a tarefa sem fazer, dificultando seu aprendizado. No caso, não há sala de reforço ou computação, muito menos internet. Acesso a livros e jornais é restrito, o meio mais utilizado por eles é a televisão, se tiver parabólica e energia elétrica. O principal é que o educador entenda e participe da realidade de seu aluno, que os dois possam interagir para a melhoria da vida de ambas as partes.

O contato professor-aluno, professor-comunidade e comunidade-escola foram um dos pontos mais relevantes de viver no campo. O contato que o professor tem com seu aluno e com sua família é riquíssimo. A comunidade camponesa é participativa nas decisões da escola e os alunos ficam mais distantes de bebidas e drogas.

Como tudo na vida não é fácil, realizar este trabalho também não foi. Pensei em desistir, escrevi, risquei e chorei, chorei, mas não como no começo, há treze anos atrás. Este choro foi de emoção, de expectativa, por estar prestes a concluir mais um ciclo em minha vida e contribuir com a educação do campo.

Viver longe da dita “civilização” e do acesso às tecnologias nos torna criativos e autônomos. Ser ator causa inquietações. Os resultados obtidos revelam que apesar das lutas e discussões por uma educação no/do campo ainda persistem situações a serem superadas, quanto às estradas que dão acesso as escolas e a construção de propostas específicas para escolas do campo. Contudo, observa-se que há ações positivas por parte dos sujeitos, fazendo valer seus direitos.

Esta proposta não se finda aqui, mas nos lança em busca de novas descobertas.

**Era uma vez
Um lugarzinho no meio do nada
É uma menina engraçada
Que resolveu se dedicar**

A crianças do campo ensinar

É para escola ela foi
Numa fazenda cheia de boi
Sem conhecer seu amanhã
Como professora da Sala Canaã

Sem formação começou
Depois tudo mudou
Para faculdade ela foi
Graduou-se e depois
Para um conhecimento mais amplo
Especializar-se em Educação do Campo

É para quem acha que a sala multisseriada
É uma proposta ultrapassada
Estou aqui para provar
Que tudo pode funcionar
Se o professor com carinho
Não pensar que está sozinho
É continuar estudando
Para realidade ir transformando
É seu aluno reconhecer que vivendo no campo
Ele também pode vencer.

Autora: Verônica dos Passos Fachini

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de, organizadora: **Educação do campo : fundamentos filosóficos, sociológicos, históricos, políticos e econômicos, modulo III.**-Campo Grande, MS : UFMS, 2013.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Prefácio. In. KOLLING, Edgar Jorge. (Orgs). **Por uma educação básica do campo.** Fundação Universidade de Brasília, 1999.

BENJAMIN, César e CALDART, Roseli Salete. **Projeto Popular e escolas no do campo. Brasília: Articulação Nacional por uma educação básica campo.** 2000. Coleção por uma educação básica no campo. N° 3.

LDB, LEI DE Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96, art. 28.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Gestão democrática e participativa.** Goiânia: Alternativa, 1997.

NOVO dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0. Positivo.

PROJETO BASE ESCOLA ATIVA.